

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Gestão. Programa Nacional de Gestão Pública e Desburocratização – Gespública. Instrumento para Avaliação da Gestão Pública – 2010. Brasília: MP, SEGES, 2009. Versão 1/2010.

CEPAL, UNESCO. Educação e conhecimento: eixo da transformação produtiva com equidade. Brasília: IPEA/CEPAL/INEP, 1992.

LIMA, Paulo Daniel Barreto. A excelência em gestão pública: a trajetória e a estratégia do Gespública. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

MEDEIROS, Paulo César; LEVY, Evelyn. Novos caminhos da Gestão Pública: olhares e dilemas. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2009.

VIGOTSKI E AS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS: A ONTOGÊNESE DA CRIANÇA, A ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL E A ESCOLA

Karine de Oliveira Lunardi¹

RESUMO

Lev Vigotski era psicólogo e deixou uma extensa obra, apesar do seu curto tempo de vida (1896-1934). Ele introduziu a cultura humana na linguagem, o que nos difere dos animais, atribuindo um papel preponderante às relações sociais, tanto que a corrente pedagógica que se originou de seu pensamento é chamada de sócio-interacionista, sócio-construtivismo ou histórico-cultural, diferentes nomes surgem de acordo com alguns autores como Rego, Linhares, Mello, Oliveira e tantos outros que estudam a sua teoria. Memória, brinquedo e linguagem são palavras-chave de seus estudos. Neste texto irei discorrer sobre a teoria de Vigotski na questão da aquisição dos conhecimentos, perpassando pela ontogênese da criança, situando a relação do desenvolvimento e aprendizagem, a seguir

abordarei a zona do desenvolvimento proximal, seu conceito e a sua inter-relação com a escola, um espaço mediador do conhecimento.

Palavras-chave: Criança, Escola, Desenvolvimento, Interações.

A ONTOGÊNESE DA CRIANÇA

O desenvolvimento dos indivíduos é marcado por diferentes fases. A criança é um ser que descobre o mundo a sua volta por meio de suas próprias relações e interações que estabelece, seja com ela, com os outros ou com os objetos, seu desenvolvimento está centrado no aspecto biológico e cultural.

Segundo Vigotski, existem muitas concepções que foram surgindo ao longo da História da Educação sobre a relação de-

¹ Graduada em Pedagogia, Psicopedagoga Clínica e Institucional e Mestranda em Educação nas Ciências do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. karinelunardi@yahoo.com.br

envolvimento e aprendizado, algumas mostram soluções um tanto “exóticas”. Seguirei de acordo com seu estudo no livro: A formação social da mente, mais precisamente no capítulo 6 - Interação entre aprendizado e desenvolvimento - destacando as grandes posições teóricas a respeito desta relação.

A primeira centra-se no pressuposto de que os processos de desenvolvimento da criança são independentes do aprendizado. O aprendizado é considerado um processo puramente externo que não está envolvido ativamente no desenvolvimento. Ele simplesmente se utilizaria dos avanços do desenvolvimento em vez de fornecer um impulso para modificar seu curso (VIGOTSKI, 2008, p.87).

Nesta linha de raciocínio criada por Piaget, percebemos que o desenvolvimento acontece na criança por si só, por isso a questão das fases para aprender determinados conceitos entra em questão, pois o desenvolvimento é sempre um pré-requisito para o aprendizado.

A segunda grande posição teórica é a que postula que aprendizado é desenvolvimento. Essa identidade é a essência de um grupo de teorias que, na sua origem, são completamente diferente. (...) O desenvolvimento é visto como o domínio dos reflexos condicionados, não importando se o que se considera é o ler, o escrever ou a aritmética, isto é, o processo de aprendizado está completa e inseparavelmente misturado com o processo de desenvolvimento (VIGOTSKI, 2008, p.89).

De acordo com esse pensamento de James, a criança aprende e se desenvolve simultaneamente, os processos coincidem em todos os pontos. O aprendizado é uma organização de hábitos adquiridos e o desenvolvimento faz com que a criança substitua as respostas inatas por formas de elaboração mais complexas do conhecimento.

A terceira posição teórica sobre a relação entre aprendizado e desenvolvimento tenta superar os extremos das outras duas, simplesmente combinando-as. Um exemplo claro dessa abordagem é a teoria de Koffka, segundo a qual o desenvolvimento se baseia em dois processos inerentemente diferentes, embora relacionados, em que cada um influencia o outro – de um lado a maturação, que depende diretamente do desenvolvimento do sistema nervoso; de outro o aprendizado, que é, em si mesmo, também um processo de desenvolvimento (VIGOTSKI, 2008, p.90).

Nesse pensamento de Koffka, Vigotski aponta alguns avanços da relação entre aprendizado e desenvolvimento, aqui a maturação prepara e torna possível a aprendizagem. O processo de aprendizado impulsiona o processo de maturação. Uma vez que a criança tenha aprendido a realizar uma tarefa, passa a assimilar algum princípio estrutural que poderá utilizar de outras formas para assimilar outros princípios, em consequência a criança dá um passo no aprendizado e dois no desenvolvimento.

Ao expor as posições teóricas, Vigotski, inicialmente, destaca os conceitos delas amparado em seus estudiosos fundadores: Piaget, James, Koffka e Thorndike; posteriormente, ele as confronta e mostra a evolução das teorias ao longo do tempo e das pesquisas. Para compreendermos como a criança vê e processa o conhecimento é de fundamental importância revisar esses teóricos. Por sua vez, Vigotski possuía a sua própria teoria e escreveu que para estudar o desenvolvimento na criança devemos começar com a compreensão da unidade dialética das duas linhas principais e distintas (a biológica e a cultural). Para estudar adequadamente esse processo, então, o investigador deve estudar ambos os componentes e as leis que governam seu entrelaçamento em cada estágio do desenvolvimento da criança (Vigotski, 2008). Podemos complementar esse pensamento com outra citação de Vigotski e Luria:

A evolução biológica desde os animais até o ser humano, a da evolução histórico-cultural, que resultou na transformação gradual do homem primitivo no homem cultural moderno, e a do desenvolvimento individual de uma personalidade específica (ontogênese), com que um pequeno recém-nascido [...] É por isso que, ao estudar o homem cultural adulto, devemos além da evolução do comportamento do animal e do homem primitivo, estudar também o desenvolvimento do comportamento da criança (VIGOTSKI; LURIA, 1996, p.151).

Em nenhum momento ele invalidou alguma teoria já existente perante a relação aprendizado e desenvolvimento. Apesar de rejeitá-las, construiu a sua teoria baseada em questionamentos a partir destas, dos experimentos com animais e observações nas crianças. Ele visou a criança como um sujeito histórico-social, que se constitui na sua interação com o meio, que transforma e é transformado nas relações sociais produzidas em determinados espaços; enfim, ver a criança além de fatores inatos com respostas a influências externas e internas é enxergar o mundo como um espaço social, rico em culturas para ela explorar, descobrir, interagir e se desenvolver.

A ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL: O CONCEITO, A RELAÇÃO COM O SUJEITO E A ESCOLA COMO UM ESPAÇO MEDIADOR DO CONHECIMENTO

A premissa central do estudo de Vigotski é que o desenvolvimento humano, do ponto de vista histórico-cultural, compreende um processo dialético marcado por mudanças qualitativas e quantitativas que vão acontecendo no sujeito de forma gradual, articulando fatores internos e externos, alcançando assim níveis cada vez mais complexos. Nesse processo crescente, as estruturas de ordem biológica oferecem alicerce para o desenvolvimento de estruturas mais elaboradas de ordem cultural.

A Zona de Desenvolvimento Proxi-

mal (ZDP) é uma teoria que traduz esse pensamento; criada por Vigotski, ela se constitui numa visão mais adequada da relação entre o desenvolvimento e o aprendizado, no qual o indivíduo, ou seja, a criança (sujeito em que Vigotski apoiou seus estudos para explicar o comportamento humano no geral) apresenta níveis de desenvolvimento.

O desenvolvimento não se trata de uma mera acumulação lenta de mudanças unitárias, mas sim, segundo suas palavras, de um complexo processo dialético, caracterizado pela periodicidade, irregularidade no desenvolvimento das diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma e outra, entrelaçamento de fatores externos e internos e processos adaptativos (Vigotski, 2008, p.150).

Segundo o autor, essa é um questão complexa e é constituída por dois elementos separados: o primeiro é a relação geral entre aprendizado e desenvolvimento, e, segundo o aspecto específico dessa relação quando a criança atinge a idade escolar.

Inicialmente abordarei essa questão pensando que o aprendizado das crianças se inicia antes do período escolar, pois a criança já possui uma história de descobertas desde a ação de engatinhar até as mais elaboradas como escrever e calcular. O aprendizado e desenvolvimento não são aspectos coincidentes, mas interdependentes e relacionados, eles surgem desde o primeiro dia de vida das crianças.

Na escola esse conhecimento e toda a “bagagem” das crianças têm a obrigatoriedade de serem sistematizados, pois a assimilação das crianças será voltada para conhecimentos científicos; elaborando as dimensões do aprendizado na escola surge a zona de desenvolvimento proximal.

[...] Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado

através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKI, 2008, p.97).

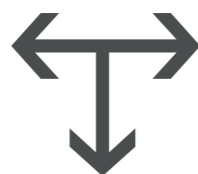
Vigotski afirmava existir dois níveis de desenvolvimento. O primeiro deles é chamado de nível de desenvolvimento real e trata daquelas funções mentais da criança que se estabelecem como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já vivenciados,

ele faz uma observação neste ponto, pois quando utilizamos testes de inteligência com as crianças, estamos medindo apenas o nível de desenvolvimento real. O outro nível é o desenvolvimento potencial que determina as funções mentais que as crianças apresentam em situações de atividades conjuntas, sob orientação de um adulto ou em colaboração com pares mais elaborados.



Nível de Desenvolvimento Potencial: determinado através da solução de atividades realizadas sob a orientação de um outro indivíduo mais capaz ou em cooperação com colegas mais experientes.

Nível de Desenvolvimento Real: determinado pela capacidade do indivíduo solucionar independentemente as atividades que lhe são propostas.



Zona de Desenvolvimento Proximal: considerada como o nível intermediário entre desenvolvimento real e desenvolvimento potencial.

Figura 1: Representando a zona de desenvolvimento proximal e seus conceitos

Em seu livro “A formação social da mente”, no que diz respeito à zona de desenvolvimento proximal, Vigotski cita e provoca o leitor a pensar sobre a criança e suas idades mentais e cronológicas, exemplificando com duas crianças da mesma idade cronológica e distintas idades mentais, elas possuíam dinâmicas de desenvolvimento diferentes, uma recebia maior incentivo e mediação dos adultos, a outra não. A partir disso, ele provou a importância

da zona de desenvolvimento proximal para os educadores e rompeu com a ideia tradicional no âmbito da educação de que o ensino deve se direcionar para o nível de desenvolvimento da criança, alegando “o estado de desenvolvimento mental de uma criança só pode ser determinado se forem revelados os seus dois níveis: o nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal.” (VIGOTSKI, p. 98) ele também se refere a questão da maturação

para resolver problemas, aprender.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, em vez de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente (VIGOTSKI, 2008, p.98).

O desenvolvimento proximal, visto como um desenvolvimento que se constitui, supõe a participação do outro no processo de aprendizado dos indivíduos, corresponde ao espaço onde ocorrem os processos de construção. Sendo assim, fica reiterada a tese de que o desenvolvimento psicológico depende das condições sociais, do coletivo em que é proporcionado. A maturação aparece e se constitui na interação com o outro, na utilização da linguagem que surge inicialmente como meio de comunicação e, logo a seguir, com a fala interior, vem organizar o pensamento da criança.

A escola com seus educadores pode apoiar-se nesta teoria da zona do desenvolvimento proximal, pois este conceito pode aumentar a eficiência e a utilidade da aplicação de métodos diagnósticos do desenvolvimento mental em problemas educacionais, além de demonstrar que “aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã.” (VIGOTSKI, p.98).

Chegando a temática da escola apoiados na teoria histórico-cultural esta precisa ser vista como um espaço que respeite a criança, que realize mediações com os professores, a fim de provocar as crianças para pensarem além de sua posição e conceitos já adquiridos.

Um ensino orientado até uma etapa de desenvolvimento já realizado é ineficaz do ponto de vista do desenvolvimento geral da criança, não é capaz de dirigir o processo de desenvolvimento, mas vai atrás dele. A teoria do âmbito de desenvolvimento potencial origina uma fórmula que contradiz exatamente a orientação tradicional: o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento (VIGOTSKI, 2008, p.114).

A partir dessa afirmação, Vigotski destaca que é fundamental, em termos educacionais, garantir e propor situações de aprendizagem para a criança que se direcionem para sua área de desenvolvimento potencial. Ainda, no que tange à aprendizagem ele reitera que ela somente não é desenvolvimento, mas se for organizada corretamente, poderá conduzir ao mesmo, pois ela coloca em ação vários processos de desenvolvimento que não poderiam ocorrer sozinhos.

[...] embora o aprendizado esteja diretamente relacionado ao curso do desenvolvimento da criança, os dois nunca são realizados em igual medida ou em paralelo. O desenvolvimento nas crianças nunca acompanha o aprendizado escolar da mesma maneira como uma sombra acompanha o objeto que o projeta. Na realidade, existem relações dinâmicas altamente complexas entre os processos de desenvolvimento e de aprendizado, as quais não podem ser englobadas por uma formulação hipotética imutável (VIGOTSKI, 2008, p. 104).

Vigotski, ao criar a zona de desenvolvimento proximal, tece críticas ao ensino tradicional, que se fundamenta na transmissão fria dos conhecimentos, sem levar em consideração o desenvolvimento da criança, as suas experiências prévias que lhe dão base para novas descobertas. O professor tem a sua função bem definida na sua teoria, como um elemento ativo que participa dos contextos culturais, econômicos e políticos. Sendo assim, é imprescindível que se pense sobre a escola, a prática

ca pedagógica que reflita uma consciência nesses aspectos e que se constitua juntamente com os seus alunos num espaço igualitário, justo e repleto de oportunidades para seu desenvolvimento físico, social e moral na sociedade em que ele convive.

REFERÊNCIAS

VIGOTSKI, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, L. S; LURIA, Alexander R. Estudos sobre a História do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FRONTEIRA BRASIL - URUGUAI: UMA DIVERGÊNCIA ENTRE VIZINHOS

Jair Gonçalves Albeche¹

RESUMO

As fronteiras entre os países sempre foram motivo de divergências e guerras no “antigo continente”, na América do Sul não é diferente, temos um histórico de desavenças entre vários países. No caso do Brasil e Uruguai, onde o segundo já foi uma província do primeiro, depois da proclamação de independência da província Cisplatina em 1825, da batalha do Passo do Rosário em 1827 e do posterior reconhecimento de independência, as relações foram relativamente amistosas e a demarcação das fronteiras foram em comum acordo. No entanto, alguns documentos não muito claros e entendimentos divergentes aos da comissão demarcadora levaram o Uruguai a contestar diplomaticamente uma pequena porção de território. Mantendo as boas relações internacionais, o Brasil não entende que o país vizinho tenha razão em seu pleito e a divergência se arrasta por longos anos.

Palavras-chave: Fronteira, Brasil, Uruguai, Demarcação, Divergência.

De maneira geral, o estabelecimento de

uma fronteira internacional é decorrente de quatro etapas: 1ª) estudo dos precedentes histórico-geográficos, 2ª) delimitação, 3ª) demarcação e 4ª) caracterização. Devido ao longo período de paz em que vive o Brasil e a relativa harmonia com a qual convive com os países vizinhos, a imensa maioria das pessoas desconhece que existe uma pequena questão que diz respeito à demarcação de um trecho de fronteira, na região denominada “Rincão de Artigas”, entre as cidades de Santana do Livramento - RS e Rivera – ROU, que os governos brasileiros e uruguaios não concordam. Essa questão foi levantada pelo Uruguai em 1934.

No caso da fronteira do Brasil com o Uruguai, devemos levar em conta que este sofreu na sua origem grande influência portuguesa, desde sua fundação no século XVII, quase que simultânea, da Colônia de Sacramento e de Montevidéu.

Quando o Brasil proclamou sua independência, a Província de Montevidéu ou Cisplatina estava incorporada ao Brasil. Os orientais de imediato resistiram à anexação. O governador de Montevidéu e a sociedade secreta de patriotas “Os Cavaleiros Orientais” protagonizaram em 1823